

O SANATÓRIO

Autor: Miguel Patrício

Capa: Mírian Castilho

“A estrada irregular levava à...
loucura!”.

O SANATÓRIO

A muralha era alta, tosca, resistente... machucava a mata por onde passava, circundando uma fortaleza concebida pela mente criativa, porém destrutiva do ser humano. As elevadas paredes da construção serviam mais para prender do que para proteger seus ocupantes. Um corpo desprovido de beleza e uma alma desequilibrada, unidos por um descuido da natureza, descansavam na sombra das grandes árvores que se pendiam sobre a muralha, curiosas com o movimento e os estranhos sons daquele novo e indesejado vizinho. Dois olhos confiantes se fixavam em um cipó que crescia lentamente em sua direção, dia após dia, ano após ano. A paciência sempre foi a fiel amante da loucura. Certa noite, mãos ásperas sangraram-se nas vísceras da irregularidade da parede, erguendo aquele corpo pequeno e alcançando a ponta do cipó. A criatura balançou alegremente, abrindo um largo e mudo sorriso, empurrada com carinho pelo destino, como se balançasse uma criança. O embalo era sereno, delirante, mas durou pouco; logo aqueles braços fortes puxaram o corpo até ao topo da muralha. Nesse instante, a loucura do interior do lugar passou também a morar frequentemente do lado de fora.

A vários quilômetros dali algum tempo depois, o povoado de Três Montes se encolhia sob a chuva constante que caía naquela tarde de verão. Um rapaz corre pelo chão batido do local, fugindo dos pingos e saltando as poças de água, até se abrigar sob uma frondosa mangueira num quintal baldio. Seu objetivo agora estava perto: a rústica residência, quieta, à sua espera, do outro lado da rua coberta de cascalho. Não havia parado para descansar; o jovem habitante daquele pequeno lugar, com apenas 20 anos de idade, mas acostumado ao trabalho duro da região, estudava o melhor trajeto para alcançar a casa, molhando-se o mínimo possível. Nesse instante, seu nome é pronunciado com ironia.

- Olha lá o grande Louro! Tá com medo de desfazer o penteado ou de molhar a botina nova? Há, Há, Há!

Lourival, apelidado Louro, sorri, vendo o autor da piada acenar para ele do outro lado da rua e acrescentar um alerta:

- Vem logo, pois a coisa vai piorar!

Esquivando-se mais uma vez da água que se acomodava pelas rugas da velha rua, num instante alcança uma área encostada na residência.

- E aí, Zezé? Tudo certo? – diz o visitante, retirando um lenço do bolso, enxugando rapidamente o rosto e os cabelos.

- Rapaz! Você veio, mesmo com chuva. É um cabra ajeitado. Vem aqui pros fundos.

Ainda esfregando o lenço já molhado pelos braços, o rapaz segue o dono da casa até outro espaço, também coberto, no canto do quintal.

- Aqui, ó! Era isto que eu queria te mostrar.

Lourival esboça um sorriso.

- Mas “isto” eu já conheço, meu amigo. É a perua do seu pai.

- Verdade, mas você não sabe o que eu fiz com ela. Olha aqui.

Uma das portas do automóvel foi aberta, e uma expressão de espanto surge no rosto do recém-chegado.

- Você retirou os bancos!

- Isso mesmo. Parte deles.

- Mas, e o seu pai? O serviço dele?

Abrindo mais uma porta para exibir melhor o interior do veículo, o entusiasmado rapaz, de cabelos longos, tocando os ombros, esclarece:

- Meu pai não vai mais fazer o transporte dos alunos lá na cidade. Seu problema na perna agravou, e ele não pode dirigir, principalmente um carro cheio de crianças.

- Ah...

- Aí, eu entrei em cena – sorri mais uma vez o dono da casa.

- Tudo bem – comenta Lourival – mas todo mundo pensava que, quando seu pai parasse, você iria continuar o serviço dele, ao invés de destruir a perua!

Agora os dois sorriem.

- Pois é, só que todo mundo enganou, inclusive o meu amigo. E eu não destruí a perua, eu adaptei para um novo serviço e, se você quiser, pode me ajudar.

- Calma aí, vamos por partes – diz Lourival – Por que você não quis continuar o serviço do seu pai?

- Bem, na verdade eu acho que não aguentaria aquela correria da cidade grande. Pensa que coisa mais sem graça eu levando aquele monte de meninos pra escola, e depois buscando de tarde, com eles o tempo todo gritando na minha cabeça!

Depois de uma pausa, olhando a chuva que aumentava lá fora, Zezé completa:

- Tudo bem que eu viria dormir em casa todos os dias, como fazia o meu pai, pois são só 15 quilômetros até lá, mas, não dá...

- Entendi – responde Lourival, estendendo, na altura do rosto, as palmas das mãos ao amigo – mas, por que tirou os bancos da perua, e em que eu posso te ajudar?

- Muito bem, vamos entrar no carro que te explico. O vento tá aumentando aqui fora.

Acomodando-se na poltrona, com as mãos estendidas ao volante, como se já iniciasse a atividade, Zezé revela os seus planos. A ideia era dedicar-se à pesca nos rios da região e vender o produto na cidade próxima. Assim, parte dos bancos da perua foi retirada para acomodar caixas de gelo e tralhas de pesca.

- Ainda sobraram quatro assentos, contando o do motorista. E dá até pra dormir aqui dentro, se forem poucos companheiros.

O projeto se mostrava viável. A região era cortada por dois ribeirões e um rio maior, ricos em diversidade de peixes. Com a proximidade da cidade grande, certamente não faltariam consumidores.

- Tenho certeza de que a renda será muito maior que o transporte de alunos. E sabe o que mais? – sorri novamente Zezé – O que a gente mais gosta de fazer por aqui?

- Pescar, uai!

- Então, nem vai ser um trabalho, vai ser diversão!

- E que dia você começa?

- Nós vamos começar, você quer dizer.

- Mas eu tenho meu serviço lá na roça. E minha criação de porcos?

- Minha ideia, pelo menos no começo, é pescar só nos fins de semana. No máximo começando sexta-feira. Seu ajudante lá na chácara dá conta sozinho nesses dois ou três dias.

- É...

- Durante a semana eu tenho que ir à cidade vender os peixes, fazer novos contatos, comprar gelo, essas coisas.

- Bem, então quando vamos começar? – completa Lourival.

- No primeiro final de semana, depois que a chuva parar. Se as estradas tiverem condições, é claro. Já faz dias que chove aqui em Três Montes.

Se vista de cima, as três elevações que deram nome ao povoado exibiam as suas matas curvando os galhos, reverenciando a constante chuva caída dos céus. As águas do ribeirão mais próximo já banhavam os barrancos e faltava pouco para alcançar a ponte que dava acesso ao local. As elevações avizinhavam-se um pouco mais distantes, mas a tendência das águas era escoar-se em direção do lugarejo. O ribeirão era o anjo da guarda daquela pequena população.

Três dias depois, no entanto, a chuva cessou. Mais alguns dias de espera e, novamente, os dois amigos traçavam os planos para a primeira pescaria, agora na espaçosa sombra do pé de manga.

- Você acha que as estradas já têm condições, Zezé?

- Meu pai disse que ainda deve ter algum barro, mas dá pra passar.

- Vamos em qual rio?

- No Piracema. Lá é melhor, principalmente nesta época do ano. Dá muito peixe de couro, que são os mais valorizados.

- Então, a gente passa na cidade, e parte da viagem tem asfalto...

- Mas não é bom ir por lá. Pode ter fiscalização. E pra pegar peixe maior, temos que levar rede, espinhel e tarrafa. Iremos pela estrada aqui por dentro, no meio da mata.

- Aquela do Sanatório?

- Ela mesma. Algum problema?

- Bem, não sei. Ninguém gosta de passar por lá, eu mesmo tenho medo.

- Não me diga! Um homem deste tamanho... – exhibe o costumeiro sorriso, o animado pescador.

- É, mas e o caso das pessoas que já sumiram por lá? Não foram poucas. Os sitiantes, os fazendeiros daquela região, todos usam outros caminhos.

Zeze amaina o sorriso, mas argumenta:

- Isso é verdade, mas vamos passar de dia por lá. E, você sabe, a estrada nem chega nos muros daquela construção; ela também tem medo e vira antes.

Lourival comenta:

- Nem sei por que construíram esse tal de Sanatório aqui perto do povoado... Aliás, aquilo é um hospício mesmo. Se tem doido, é hospício. Sanatório é só um nome pra diminuir o medo do povo da região.

- É, você tem razão. Dizem que ele foi construído por aqui, por causa da paz da mata, do ar puro que corre, tudo isso ajuda na recuperação dos malucos que vivem por lá. E o povo fala que muita gente mora dentro daqueles muros.

Sentando-se numa das raízes expostas da mangueira, Lourival concorda com o trajeto escolhido.

- Então vamos mesmo por lá?

- É isso aí, mas não vamos sozinhos. O Beto e o Cigano vão com a gente. É bom que, se precisar desatolar a perua, tem mais companheiros.

Nesse momento, Beto aparece na esquina.

- Aí vem o mecânico do povoado – diz Zezé – Ontem ele fez o suporte e colocou no teto da perua pra gente levar a canoa.

- Em sua companhia, a gente fica mais tranquilo. Qualquer problema que der no carro, ele conserta.

- Verdade. Ei, Beto, veio ver se o serviço ficou bom? – brinca Zezé.

O homem moreno, baixo, mas forte, perto dos 50 anos de idade, sorri da brincadeira do amigo.

- Que conversa é essa, pescador? Eu só faço serviço bom. Vim por outro motivo. Tudo bem, Louro?

- Tudo certo.

- O que foi, Beto? – Indaga Zezé – Coisa boa?

- Bom, depende do seu modo de pensar. Tem mais dois que querem ir com a gente. Sem pensar nos peixes, é claro, só por diversão.

- E quem são?

- Meu irmão e o Cegonha.

- Gente boa – comenta Lourival.

- Quanto a isso, não há dúvida – diz o mecânico – O problema é o Gilsão caber na perua.

Zezé sorri e bate no ombro do companheiro.

- Pode chamar os dois, meu amigo. Nossa perua é igual coração de mãe. Mas e a oficina?

- Nós vamos fechar nesse final de semana. Dois dias de descanso vai fazer bem.

- Três. Vamos sair na sexta.

- E o Cegonha? Como ficou sabendo que a gente ia pescar? – pergunta Lourival.

- Ele fica “sapeando” na oficina quase todo dia e ouviu a nossa conversa. Mas é bom avisar: ele não gosta de brincadeiras sem graça, principalmente quando diz respeito ao pescoço comprido dele. Nem aceita ser chamado de Cegonha, só os amigos dele, como a gente.

Zezé sorri e completa:

- Como eu já chamei o Cigano, agora somos seis.

- Isso. E a perua só tem quatro bancos – observa Lourival.

- Não tem problema. Eu vou levar colchão e dormir à noite na perua. Pra dois de nós, a viagem vai ser mais confortável.

- Eu vou levar barraca – diz Lourival – Não deve ser fácil dormir no meio da catanga de peixe, não é?

- Bem – defende-se, Zezé – agora sou pescador; tenho que me acostumar.

A madrugada da sexta-feira ainda levava consigo a cor morena da noite, quando os amigos se reuniram em frente à casa do pescador. Logo se ouve o ronco do motor, e a perua surge na área.

- Rapaz, que povo pontual! Se fosse pra trabalhar, não tinha ninguém aqui esta hora – ironiza Zezé, como sempre.

- Deixa de conversa fiada e vamos buscar a canoa.

- Eu pego de um lado – adianta Gilsão.

- Do jeito que ele é forte, dá pra trazer sozinho!

Com facilidade, a canoa é colocada sobre o veículo.

- Agora joguem as tralhas de vocês aí dentro, mais no fundo. E cuidado com uma caixinha de papelão. Ela

guarda o lampião do meu pai. Ele emprestou, mas tem muito ciúme dele. Aliás, se eu morrer por lá, tragam o lampião de volta pro velho.

- Deixa de ser bobo, rapaz!

Roupas de cama e apetrechos de pesca foram colocados ao lado de três grandes caixas de isopor repletas de gelo, um saco com alimentos, talheres de cozinha, redes de pesca e uma espingarda cartucheira.

- Até espingarda, Zezé?

- Claro! Não vou perder a oportunidade de trazer uma capivara.

- É das antigas, de um tiro só.

- Pra mim, só um tiro é o bastante.

O sol tingia de laranja a copa da mangueira, que observava curiosa a movimentação do outro lado da rua.

- Já dá pra ir. Podem entrar.

- Falta uma coisa – diz Beto, interrompendo o entusiasmo dos companheiros.

- Falta o quê?

- A gente rezar! Uma oração sempre ajuda. Vamos enfrentar um rio que deve estar bem cheio e, por isso, mais perigoso.

Após um instante de silêncio, todos se preparam para aquele momento.

- Então, vamos lá. Guarda essa faca, Cigano.

O homem, de cor encardida e cabelos despenteados, coloca a faca na cintura e une as mãos, entrelaçando os dedos. Beto toma a iniciativa.

- Meu bom Deus! Pedimos a sua proteção nesta viagem que se inicia agora. Na ida, no destino e na volta. Pedimos também a proteção para as nossas famílias em nossa ausência. Para isso, vamos rezar a oração que o Senhor nos ensinou:

- Pai nosso, que estais no céu...

Daquele círculo de seis homens de cabeça baixa, subiu um clarão de luz, misturando-se à cor laranja da copa da mangueira. Logo depois, os pescadores foram entrando no veículo. Lá de dentro, a primeira chacota é direcionada a um dos companheiros que entravam por último:

- Avisa aí atrás pra ninguém acertar o pescoço no teto!

O rapaz jovem, branco e alto, de pescoço comprido, para no momento em que punha os pés na porta.

- Não, assim eu não vou! Todo mundo sabe que eu não gosto desse tipo de brincadeira.

- Deixa disso, Cegonha, entra logo.

- Não, eu acho que não vou.

Beto chega na porta e puxa o rapaz para dentro.

- Pode entrar, meu amigo. A gente promete ser mais educado. Não é, pessoal?

Com Zezé ao volante, Beto do seu lado, Gilsão e Cigano nos dois outros assentos, Lourival e Cegonha no colchão, o veículo rodou por duas horas na irregular estrada de terra. A velocidade era pequena devido aos estragos causados pela recente e forte chuva.

- Não dá pra ir mais depressa, Zezé? Desse jeito, só vamos chegar à tardezinha.

- Não dá, gente. Ainda tem até poças d'água no caminho. Tem hora que eu passo rente ao mato.

Depois de alguns minutos, Gilsão deixa escapar uma preocupação.

- Eu não sabia que a gente viria por aqui...

- Como assim, Gilsão? – pergunta Cigano, passando o corte de sua faca na grade de ferro de uma das janelas da perua.

- Por aqui, Cigano, na estrada do Sanatório.

- E o que tem isso?

- Ora, já morreu muita gente por aqui.

- Morreu, não. Sumiu – conserta Cegonha.

- Não importa. Eu não quero morrer nem sumir.

E, após uma pausa, o homem completa:

- A gente não sabe o que vai encontrar por aqui.

- É, o homem só tem tamanho! – brinca Cigano – Se aparecer algum maluco pelo caminho, eu toro ele na faca!

O estranho homem passa o objeto com mais força na grade.

- Por curiosidade, Zezé, por que tem grades nas janelas da perua?

- Exagero do meu pai. Ele tinha medo de perder uma das suas crianças. E o caminho, Gilsão, não chega até aos muros do Sanatório; a estrada vira pra esquerda uns metros antes. E estamos quase chegando lá.

- Sei não. Eu preferia dar a volta – completa o amedrontado homem.

Beto argumenta:

- Tinha que ser por aqui, mano. Estamos levando muita coisa proibida, até espingarda. Por falar nisso, Zezé, você não vai tirar carteira de pesca profissional? Facilita o trabalho.

- Tá no plano, mas isso é demorado, e eu tenho que ver antes se a venda dos peixes dá certo. Só a venda, porque pegar a gente pega mesmo, não é, gente?

- Isso ninguém discute, pescador.

- É isso aí!

Mais alguns minutos desviando dos buracos, e o motorista solta uma exclamação:

- Vixe!

- O que foi, Zezé?

- Olha lá, subindo na mata. Tá preto de chuva em nossa direção!

- Verdade. A pausa da seca foi pequena. E agora?

- O jeito é ir em frente. Já estamos quase no meio do caminho. E ela pode ser passageira.

Precedida por uma forte rajada de vento, a chuva começou devagar cobrindo aos poucos o para-brisa do automóvel, depois se intensificou dificultando a direção e a visibilidade.

- Gente, a coisa tá feia! Nem dá pra ver os buracos agora. O jeito é ir mais devagar.

- Não vai perder a estrada, hein!

- Isso não tem perigo; só tem uma.

Alguns metros à frente, outra surpresa.

- Que isso? A estrada tá toda alagada!

- Olha pra esquerda, gente. É aquele lago cheio que tá jogando água no caminho. Ainda dá pra passar ali naquele canto.

- Mas, e se atolar?

Zezé para o automóvel por um instante. Depois de estudar a situação e trocar ideias com Beto, vira o rosto para trás e comenta com os companheiros:

- Nós achamos que dá pra passar. O que vocês pensam? Vamos em frente?

- Se não atolar, toca a perua, eu não quero é me molhar agora pra tirar ela do barro. Meu banho é só amanhã. Há, Há, Há – Cigano graceja.

- A coisa tá preta e ele sorri!

- Não é melhor analisar direito? Eu posso ir lá mais perto pra ver; não me importo de olhar – dispõe-se Lourival.

- Não precisa – diz Cigano – Pede pro Cegonha pôr o pescoço pra fora e olhar pra nós.

O rapaz dá um pulo no colchão, irritando-se mais uma vez.

- Eu falei que não queria vir! Brincaram de novo comigo. Eu não gosto!

- Para com isso, Cigano! – ralha Beto – E toca esse carro, Zezé. Com essa chuva só aumentando, daqui a pouco não dá mesmo pra passar.

O motor ronca mais uma vez e, com duas rodas no capim da beira da estrada, a perua vence o obstáculo.

- Muito bem! Motorista tá aprovado!

- Tirando os solavancos, deu tudo certo.

Logo em seguida, Zezé pisa no freio mais uma vez.

- O que foi? Por que parou?

O rapaz limpa o para-brisa do automóvel e tenta olhar em volta.

- O que foi? Diga logo! – apressa-se Gilsão.

- Falando sério – diz Zezé – eu passei aqui há muito tempo, e não me lembro desse lago.

- Você quer dizer que tá perdido, não é?

- Não chega a tanto, gente, mas além de não reconhecer o lago, a estrada agora tá mais ruim. Talvez seja essa chuva que não me deixa ver direito.

Beto tenta ajudar.

- Quem sabe, quando você passou por aqui, o lago estava mais seco, e não deu para ver...

- É, eu acho que foi isso. Vamos lá.

As surpresas não haviam acabado para os seis companheiros. Depois de uma leve curva, a estrada chega ao fim.

- Que isso? A estrada acabou?

- É isso aí, moçada. Estamos mesmo perdidos!

- Calma aí, meus amigos – diz Beto – Não precisa desesperar. A gente deve ter passado pela forquilha da estrada.

- Foi isso mesmo. A chuva não deixou ver – emenda Lourival.

- E deve ter sido antes do lago – pensa alto, Zezé – por isso não me lembrei dele.

- Então vamos voltar. Em nossa frente só tem árvores, e das grandes.

- É mesmo. Aqui as árvores são maiores.

- Árvores, chuva e vento...

Naquele momento de tensão, o já preocupado Gilsão aproxima o rosto um pouco mais da janela e exclama:

- Ali, gente, eu tô vendo, eu tô vendo!

- O que foi, Gilsão? Por que essa cara de assustado?

- Ali, ó! Quando o vento bate forte, aparece!

- Aparece o quê, molenga? – impacienta-se Cigano – Deixa eu olhar.

Afastando o companheiro, o homem observa por um instante e abana a cabeça em sinal de reprovação.

- Eu pensei que era algum fantasma, mas é só um muro alto. Deve ser o tal de Sanatório.

- Sanatório? Meu Deus! – exclama Gilsão.

- Olha só! O homem tá quase borrando nas calças só porque viu um muro. Eu não aguento essa viadagem!

- De qualquer forma, é melhor voltar. Vamos procurar a estrada certa – diz Zezé, colocando o automóvel em movimento.

Em poucos minutos, o grupo alcança o lago, e as surpresas se sucedem.

- Pronto! Não tem mais estrada; ficamos ilhados.

O lago havia transbordado um pouco mais, e a água cobrira todo o caminho.

- Mas a gente passou aqui agorinha mesmo! – comenta o motorista.

Beto busca uma explicação.

- A estrada já estava quase tomada pela água, não é? Deve ter um córrego alimentando o lago. E tá chovendo forte...

- É, deve ser isso, mas agora não dá pra passar de volta – diz Zezé.

- Não dá mesmo – concorda Beto – Entra água no motor.

- Então, estamos ilhados? – preocupa-se Cegonha.

Cigano sorri.

- Nem todos. Tem alguém que sabe voar.

Mais um salto no colchão e o rapaz esbraveja sua ira.

- Eu sei o que quer dizer, seu cigano de uma figa! Se você não vivesse grudado nessa faca, eu ia te dar uma lição.

- Calma aí, companheiro – intervém Lourival, segurando o ombro do amigo.

Cegonha acomoda-se novamente em seu lugar, ainda resmungando.

- Eu perco a paciência, Louro. Evito ir nessas pescarias, porque a maioria dos colegas gosta dessas

brincadeiras bobas. Eu digo sempre que a gente deve rir com os companheiros, e não rir dos companheiros!

- Você tem razão, meu amigo, mas agora temos algo mais sério para preocupar.

- Isso mesmo, Louro – concorda Beto – Entretanto, parece que não há nada pra fazer por enquanto, a não ser esperar.

- É isso aí – emenda Cigano – mas não vejo problema algum, temos o teto firme da perua e comida pra três dias.

- Bom, isso é verdade. Vamos esperar; quem sabe a chuva passa logo.

- E é melhor ficar aqui mais perto do lago, que no meio daquelas árvores altas; o vento poderia derrubar uma delas em nossa cabeça.

Gilsão completa:

- Isso mesmo, vamos ficar o mais longe possível dos muros desse tal Sanatório!

- Tudo bem. Vamos torcer para essas nuvens irem embora depressa.

A previsão, no entanto, não se concretizou. O vento prosseguiu arrastando o temporal para aqueles lados por mais uma hora mais ou menos, depois acalmou, deixando uma chuva fina, mas constante, tomar conta do cenário. A tarde chegou, e a situação não havia mudado.

- Gente, tô com fome de novo. O que tem aí, Louro?

- Se fosse possível fazer um almoço seria bom, mas a lenha do mato está toda molhada.

Quando a noite se aproximou, Gilsão mostrou-se mais preocupado.

- Nem acredito que a gente vai passar a noite aqui no meio desse mato, encostado no Sanatório...

- E qual o problema? – retruca Cigano – Somos seis homens fortes, acostumados com a dureza, estamos bem protegidos aqui nesta perua que tem até grades nas janelas; e podemos nos defender usando a espingarda e essa faca aqui.

- Tem até facão na tralha de pesca. Tem as facas da cozinha...

- Então? Pode sair esses malucos tudo detrás desse muro, que a gente põe eles pra correr.

- Por falar nisso, gente, quantos será que tem lá dentro? – indaga, Cegonha.

- Dizem que tem mais de cem.

- Vamos subir no muro e dar uma olhada lá dentro antes que escurece, Gilsão? – brinca Cigano.

- Cê tá é doido! Eu não saio daqui nem pra cagar!

- Você não, mas eu acho que tenho de enfrentar essa chuva e ir lá fora um pouquinho.

- Toma cuidado, viu, Cigano?

A face negra da noite irrompe ameaçadora sobre a copa das árvores. O vento para por completo, imobilizando

as árvores, acalmando a vida para, quem sabe, dar passagem à morte. Aves estranhas começam a sobrevoar o local; são os anjos noturnos trazendo o mau agouro da escuridão. A chuva fina caía num ritmo lento, mas alarmante; os pingos no teto da perua assemelhavam-se ao soar de longínquos tambores, alertando os habitantes do lugar que um iminente perigo se aproximava. Mesmo estando em grupo, próximos uns dos outros, os pescadores sentiam uma misteriosa solidão se aproximar de todas as direções e pousar de mansinho sobre o automóvel, cobrindo-o totalmente por um manto invisível, mostrando que o destino de cada um havia sido traçado. O negrume da noite dizia que algo sinistro e tenebroso se aproximava. A imagem tosca da muralha escondida entre as árvores não saía de suas mentes, porém algo lhes dizia que a verdadeira prisão estava ali do lado de fora daquele tal Sanatório. O barulho do silêncio era assustador; significava antes de tudo a presença do inimigo já ali pertinho, quase ao alcance da mão. A lembrança de que muitas pessoas haviam sumido na região fazia maior o medo. Não havia saída para aquelas seis criaturas. Cada um só devia esperar a sua vez. Gilsão era o mais assustado, mas foi Cegonha quem desabafa o seu pavor:

- Beto, vamos botar a canoa no lago e sair daqui!

Mais um instante de silêncio se fez. O homem que, apenas Tateando, acabava de enrolar um cigarro de palha, aciona o isqueiro, iluminando o local. Depois de uma baforada, responde:

- Não é pra tanto, Cegonha. A gente tá preocupado com a situação, mas sem motivo. Acho que tá faltando acender uma luz, prosear um pouco, só isso.

- Vou pegar minha lanterna – diz Gilsão, levantando-se.

Lourival também se movimenta.

- E eu vou acender o lampião. Vamos ver se ele é bom mesmo.

- Muito bem! Temos só que passar a noite da melhor maneira possível. Amanhã, com a luz do dia, a gente analisa a situação e dá um jeito de sair daqui.

À noite, os ruídos vindos da mata são todos diferentes, desconhecidos, por isso se tornam preocupantes. Sibilos cruzavam o ar; piados eram ouvidos em espaços rigorosamente cronometrados, mas sempre em nova posição; grúidos distantes se repetiam e pareciam se mover para mais perto daquele lugar. Passos rápidos de pequenos animais circulavam velozmente a perua. Somente o coaxar constante dos sapos à beira do lago mostravam-se familiares e inofensivos.

- Tô curioso pra saber que bicho é esse que passa correndo aqui perto da gente – diz Gilsão.

Cigano graceja:

- Aí a lanterna na sua mão. É só abrir a janela e olhar. Ou tá com medo, grande homem?

Estimulado por aquela provocação, o pescador abaixa alguns centímetros o vidro da janela e ilumina lá fora. Quase que instantaneamente surge no foco da lanterna um rosto descorado, olhos arregalados e um sorriso

macabro. O homem se assusta, solta um grito de pavor e deixa a lanterna cair ao chão.

- Que isso, Gilsão?

- A janela! Fecha a janela!

Cigano estende a mão e suspende o vidro.

- Pronto, tá fechada. Agora pode falar o que viu.

- Era... ele tava lá, perto do capim.

- Ele quem? Fala homem!

Gilsão se esforça e descreve o que avistou.

- Era um homem, uma pessoa, não sei. Meio careca e tava rindo pra mim.

- Ai, ai, ai... não tinha ninguém lá fora. Você viu um bicho qualquer, Gilsão.

- Não era bicho, Cigano, era gente. Era gente, Beto! Você acredita em mim, não é?

- Tudo bem, mano, eu acredito. Mas mesmo sendo gente, não precisa se preocupar. Estamos seguros aqui.

O homem se acalma um pouco, pega a sua lanterna, tenta ligar outra vez, mas o aparelho não funciona.

- Droga! E a lanterna pifou!

- Você não precisa de lanterna; o lampião tá ligado – sorri Cigano.

Lourival entra na conversa.

- Senta aqui no colchão com a gente, Gilsão, e me diga como era a pessoa que viu lá fora.

Depois de se acomodar ao lado do companheiro, o homem descreve melhor o que avistou.

- Ele era pequeno, um homem pequeno, metade de mim. Tinha uns olhos deste tamanho e um sorriso de dar medo.

Cigano brinca outra vez:

- Se era metade do seu tamanho, coitado, não pode fazer mal pra ninguém, principalmente pra você, seu medroso. Há, Há, Há.

Nesse momento, várias batidas são desferidas numa das portas da perua, assustando todos no interior.

- É ele! – diz Gilsão.

Quando o barulho se repete, Beto se vira para trás e diz:

- É aqui do meu lado. Empresta uma lanterna aí, gente.

Demonstrando coragem, ele abaixa o vidro de sua janela e ilumina a lateral da perua e vê um pequeno homem, trajando certo tipo de uniforme, desprovido de cabelos no alto da cabeça, mas com longas mechas na lateral do couro cabeludo, chegando aos ombros. Encontrava-se descalço e o rosto trazia uma assustada expressão.

- Quem é o senhor? – indaga Beto – O que quer?

A pequena criatura chega mais perto da janela, seguida pelo foco da lanterna.

- Eu... He, He, He! Deixa entrar. Eles tá chegando. He, He, He!

- Que risadinha mais ridícula! – comenta Cigano.

- Dá é medo! – completa Cegonha.

Beto consulta os companheiros.

O homem quer entrar, gente. E aí?

- Deixa. Eu quero ver a cara dele – diz Cigano.

- Não deixa! – apavora-se Gilsão.

Zezé intervém.

- Espera aí, Beto. Pergunta aí quem são eles, que estão chegando.

- Quem são eles? – repete Beto.

A figura arregala os grandes olhos e fala um pouco mais alto.

- Eles tá chegando! Eles... Vai matar nós tudo! He, He, Heeee!

- Ai, ai, ai, a risada ficou pior. Põe logo esse bicho pra dentro – impacienta-se Cigano.

Lourival se levanta do colchão, chega mais próximo de Beto, tentando ver a figura lá fora.

- Eu acho que é melhor não abrir a porta. Pode ter mais deles lá fora.

- Eles tá chegando... Vai matar... Deixa entrar! – grita a criatura, desferindo vários murros na porta.

Cigano se irrita e se levanta do assento, empunhando a faca.

- Cansei desse cara. Vou lá fora dar um jeito nele.

- Não faz isso, Cigano!

Já era tarde. O corajoso homem abre a porta do seu lado e sai.

- Vou fechar para as meninas não morrer de medo.

Ele dá a volta no automóvel, não entando não vê mais o visitante.

- Cadê ele, Beto?

- Não sei. Sumiu de repente.

- Dá a lanterna aí.

Beto estende o aparelho e o homem ilumina em volta.

- Ah! Tá ali no meio das árvores. Pera aí, sujeito!

Empunhando a faca, Cigano se lança em perseguição da sinistra criatura.

- Não vai, Cigano! Volta aqui, pode ser perigoso!

Só o silêncio responde e Beto dá um tapa no encosto do assento, desabafando sua raiva.

- Teimoso! Não me ouviu.

- Ele é assim mesmo – diz Zezé – Não tem medo de nada.

- Coragem demais também é bobeira. É melhor eu ir lá ver o que tá acontecendo.

- Talvez não – observa Lourival – Parece um truque pra tirar a gente daqui. Acho que é bom ficarmos juntos.

- Mas, e o Cigano? Pode estar precisando de nós.

- Bem, isso é verdade, mesmo sendo ele – concorda Lourival.

Zezé tenta ajudar:

- Vamos esperar um pouco, Beto. O Cigano sempre soube se virar.

Beto dá um suspiro e pede outra lanterna.

- Pega a minha lá na tralha.

O aparelho é trazido e o homem passa a iluminar o local por onde o companheiro se embrenhou na mata.

- Ele não devia ter ido!

Alguns tensos minutos se passam. Somente se ouvia os pingos de chuva, amiudando-se sempre mais.

- Pelo menos a chuva tá dando um tempo. E o Cigano que não volta – comenta Beto.

- Verdade – diz Zezé – Isso é preocupante.

Mais um instante de espera e nada acontece.

- Eu vou lá – diz Beto – Vocês ficam aqui.

- Zezé propõe:

- Eu vou com você, mas espera eu pegar a espingarda.

- Nesse momento, ouve-se mais uma vez aquela mesma sinistra risada, agora do outro lado da perua.

- He, He, He... He, He, He!

Gilsão se assusta.

- É ele!

- Calma aí, Gilsão. Eu vou falar com ele, está do lado de cá. Pega minha lanterna aí, Louro. Tá na sacola.

- He, He, He!

- Toma a lanterna, Zezé, e a espingarda também.

- Tudo bem. Não tenho intenção de matar ninguém, mas se ele não me falar o que aconteceu com o Cigano, sei não!

O vidro da janela foi abaixado e a luz da lanterna revela ao lado de uma das portas aquela figura bizarra, trazendo consigo a costumeira expressão de pavor.

- Deixa entrar!

- Você não vai entrar. Quero saber...

- Eles tá chegando! Vai matar!

Já sem paciência, Zezé eleva a voz:

- Deixa eu falar! Onde tá meu amigo? O que aconteceu com ele?

- Cigano... He, He, He!

- Ele sabe até o nome! Escutou a gente falar.

Após uma pequena pausa, o pescador insiste:

- Isso mesmo. Cigano! Onde ele tá?

A criatura muda o semblante, abaixa um pouco a cabeça demonstrando algo assim indefinido, entre tristeza e pesar.

- Ele... o Cigano...

- Isso. Cadê ele?

O rosto é erguido e seus olhos enormes brilham, fazendo um sinistro dueto com a luz da lanterna.

- O Cigano... He, He, He... Morreu.

- Morreu? Como assim? Conta!

- Eu... conto. Deixa entrar.

Zezé passa a mão no rosto.

- Esse cara é maluco!

- Deixa entrar. Eles tá chegando!

- Você não vai entrar, já falei. Você matou o Cigano?

- He, He, He... He, He, He!

- Pode contar. Foi você, não foi?

- Deixa entrar. Eu conto.

- Não! Você vai contar aí fora mesmo, seu maluco!

Com a mão direita, Zezé aponta a espingarda na direção do suposto inimigo.

- Pode contar!

A estranha figura põe a mão à frente do rosto, numa tentativa de se proteger.

- Não! Eu conto! Deixa entrar... Eles tá chegando. Vai matar nós tudo... Eles chegô!

Nesse instante, ouve-se um tumulto na mata. Várias pedras e pequenos galhos de árvores são atirados em direção à perua. O barulho na lataria assusta os cinco companheiros, que se afastam das janelas. Alguns vidros são quebrados e espatifam-se no interior do veículo.

- O que é isso? O que tá acontecendo?

- Acode! Deixa entrar! – desespera-se o homenzinho.

Beto ordena:

- Deixa esse cara entrar, senão ele morre aí fora!

Enquanto outras pedras são atiradas no veículo, Lourival abre parcialmente uma das portas. Com agilidade, o convidado pula para o interior.

- He, He, He!

Sob a luz do lampião, todos podem ver, com maior nitidez, o aspecto horrendo daquela criatura. Além do já conhecido, uma grande pinta vermelha destaca-se em seu pescoço. De perto, o uniforme revela quem ele realmente é. Lourival inicia a frase:

- Você é...

- Doido! He, He, Hee! – ele completa.

- Isso mesmo! Você é um maluco desse tal de Sanatório!

Gilsão, apavorado, levanta-se e vai para os fundos da perua ao lado das caixas de gelo. Cegonha caminha sobre o colchão, mantendo certa distância.

- He, He, He!

A atenção é novamente voltada para fora, quando outras pedras são atiradas contra eles, e um corpo escuro pula sobre o capô do automóvel soltando guinchos. A luz do lampião revela parte daquela aparição.

- Eles! – grita o maluco.

- Parece um macaco! Um grande macaco – observa Beto.

- Vou ensinar a eles a não amassar minha perua – reage Zezé, empunhando a espingarda e fazendo um disparo a esmo pela janela.

Imediatamente cessa o barulho na mata e as pedras deixam de ser atiradas.

- Cadê o macaco?

- Sumiu. Sumiram todos.

Com o silêncio, os pescadores se voltam para o homenzinho, agora com as duas mãos nos ouvidos. Zezé põe a espingarda no banco e diz:

- Pronto, acabou! Pode tirar as mãos da cabeça.

Aos poucos, o visitante abaixa os braços, retoma seu aspecto risonho e assustador, encarando, um a um, os cinco companheiros.

- He, He, He!

- Ele dá medo! – confessa Lourival.

- Não deixa ele chegar perto de mim – murmura Cegonha.

- He, He, Heee!

- Calma, gente – aproxima-se Beto – Ele é só um homenzinho. É maluco, mas é um homenzinho. E está se divertindo com o medo de vocês.

Chegando mais perto do homem, Beto fala com firmeza:

- Agora você vai contar o que aconteceu com o Cigano. Pode começar.

- Ele... o Cigano... morreu!

- Isso eu já sei. Como ele morreu? Você matou ele?

- Não... ele morreu.

- Isso você já falou, homenzinho. Aliás, qual é o seu nome? Cansei de te chamar de homenzinho. Qual é?

A figura faz uma expressão de espanto.

- Ahhn?

- Seu nome. Aqui ó. Eu sou Beto, ele Lourival, Cegonha... – diz o homem apontando o dedo aos companheiros.

Ele se volta para o último apresentado e sorri.

- Cegonha! He, He, He!

O pescador se agita no canto da perua.

- Ele tá me gozando! Eu sinto isso.

- Não, Cegonha. Ele é maluco.

- Tá sim, ele tá rindo de mim.

- He, He, Heeee!

- Vamos parar com isso! – grita Beto – Não mudem o assunto. Eu quero saber do seu nome, homenzinho, e do Cigano! Fala aí, coisa esquisita!

- Meu nome... Não tenho mais...

E volta ao rosto da criatura a velha expressão de tristeza, de abandono.

- Tá bom, tá bom, você esqueceu. Agora, diga aí, Sem Nome, onde está o Cigano?

- Ele... morreu.

- Sim, ele morreu. Você matou, não foi?

- Não... Foi meu irmão.

- Seu irmão?

- É, ele saiu primeiro. Ele é mau... He, He, He!

- Saiu lá do Sanatório?

- Ele saiu... da prisão... puxou o cipó. Ele é mau...

Eles vai voltar!

- Você é mesmo doido, não fala nada com nada. Pelo amor de Deus! Essa conversa tá me deixando maluco!

- He, He, He!

- Deixa eu falar com ele – sugere Lourival.

- Pode falar. Cuidado pra não perder o juízo – concorda Beto.

- He, He, He!

Lourival aproxima-se um pouco.

- Você...

- Sem Nome? – interrompe a criatura.

- Isso mesmo, Sem Nome. A gente te salvou daqueles macacos...

- Eles...

- Isso. A gente te salvou deles, te deixou entrar. Você parece ser gente boa, fala o que aconteceu com o nosso companheiro Cigano. Fala pra mim.

A criatura arregala os olhos, voltando-os lentamente para cima, como se revivesse uma cena acontecida e balbucia:

- Eu falo... ele morreu. Meu irmão matou ele... pegou a faca. Vai matar o doutor!

- O doutor? Ah, lá do Sanatório.

- He, He, He!

- Sim, sim, seu irmão matou o Cigano. Onde foi isso?

- Ali, no mato... eu levo lá...

Com essas palavras, ele se volta para a porta.

- Não vai, Louro! – apressa-se Cegonha.

- Eu vou com ele – diz Beto – Cansei da embromação desse demente!

A porta é aberta e os dois saem.

- Eu vou com você – diz Zezé, empunhando a espingarda.

- Não, eu vou sozinho. Quanto menos gente sair daqui, melhor.

- He, He, He... He, He, He!

- Não vai, Beto. Ele tá rindo porque tá conseguindo te tirar daqui.

- He, He, He!

- Eu sei, mas preciso ver o que aconteceu com o Cigano.

- Então leva a espingarda. Tá carregada de novo – propõe Zezé.

- Tudo bem. Dá aí.

Ligando a lanterna e apontando a arma para as costas da criatura, Beto ordena:

- Você vai na frente, Sem Nome.

Quando o irmão vai entrando na mata, Gilsão ainda alerta:

- Toma cuidado, por favor!

- Pode deixar, mano.

- He, He, Heee!

Aquela tétrica risada foi o último som ouvido pelos quatro companheiros. Um pesado silêncio tomou conta do lugar. A chuva havia parado, as aves noturnas se distanciaram e até o coaxar dos sapos tinha emudecido. Parece que a natureza se aquietava prestando sua homenagem a mais uma vida que se perdia nos arredores daquele sanatório. A apreensão crescia a cada segundo no interior daquele automóvel. Aos poucos foi aumentando a respiração dos quatro companheiros. A volta esperada de Beto, trazendo consigo a elucidação do sumiço de Cigano não aconteceu. Zezé e Lourival iluminavam ansiosamente a direção da mata por onde o amigo se enveredou. Mais um minuto de espera e Gilsão explode sua agonia.

- Eu não aguento mais isso! Beto vai morrer!

- Calma, Gilsão – diz Lourival – Pode ser outra coisa.

- Não! Beto vai morrer. Eu devia ter ido com ele, mas fiquei com medo.

- Ele não ia deixar – argumenta o amigo – Zezé quis ir junto e ele não deixou.

O alto e forte homem subitamente se levanta.

- Eu fui um covarde, mas não vou ser mais! Betoo!

Com essa frase, ele abre a porta e pula para fora.

- Segura ele, Louro!

Era tarde. Com passos largos, gritando o nome do irmão, o homem se lança na escuridão, fazendo balançar os galhos mais baixos das árvores do caminho. Foram poucos segundos de apreensão e incerteza, logo se ouviu o ronco do disparo de uma arma de fogo.

- A espingarda! Mataram o Gilsão!

- O Sem Nome! – diz Lourival.

- Ou o irmão dele – deduz Cegonha.

- Calma vocês dois – interrompe Zezé – A gente nem sabe se esse Sem Nome tem mesmo irmão. Ele é louco!

- É verdade – concorda Lourival – A gente nem sabe mais o que tá falando.

- Aquele doido deixou todo mundo maluco igual ele. O Gilsão perdeu a cabeça... – emenda Cegonha.

Zezé dá um soco na porta da perua.

- O que mais me irrita é não saber nada do que tá acontecendo.

- É... – concorda Lourival – Vai sumindo um após o outro sem ter explicação.

- Por isso que tem os boatos que o povo some por aqui. E some mesmo!

Após refletir por um instante, Zezé toma uma decisão.

- Tenho que ir lá ver o que tá acontecendo. Vou pegar meu facão.

- Não faça isso Zezé – repreende Lourival – É isso mesmo que o doido quer. Ele tá tirando a gente daqui aos poucos, separadamente. Eu desconfiei desde o começo dessa história. Não vou deixar você ir.

Zezé pensa um pouco e dá razão ao companheiro.

- Você tem razão. Esse é o plano dele. Esse tal de Sem Nome não é maluco nada.

- É um psicopata, um assassino!

- E agora, o que a gente vai fazer? – pergunta Cegonha.

- O certo é não sair daqui até amanhecer – reforça Lourival - Depois, com a luz do dia, tudo muda. Quem sabe dá até pra passar na estrada, já que a chuva parou.

- E os nossos companheiros?

- Não sei o que fazer. Amanhã a gente pensa. Tá difícil até de pensar agora.

- Tá bom – concorda Cegonha, sentando-se no colchão.

- Vou pegar o meu facão – diz Zezé – É bom ficar perto dele.

A noite é sempre longa quando é ameaçadora; ela se demora quando o perigo está por perto e precisa da cor negra para se esconder, para preparar o golpe final. Os minutos passam vagarosamente em conluio com a escuridão, alimentando o pavor pelo inimigo, minando aos poucos a já pequena esperança de salvação. Na mente dos três companheiros, continuavam vivas as imagens da alta muralha entre as árvores e a horrenda figura daquele homenzinho de olhos arregalados e sorriso macabro. Certo é que mesmo parecendo inofensivo, ele já havia levado para os braços da morte a metade daquele grupo. E tudo indicava que a outra parte não veria o nascer do novo dia. O pequeno espaço daquela perua havia sido, até o momento, o refúgio que lhes garantira a salvação, mas ali eles se sentiam numa jaula, feito indefesos ratos que eram oferecidos, um a um, como alimento a um criadouro de cobras; presas jogadas sem piedade nas garras afiadas do demônio. A luz do lampião andava vacilante pelo teto e as paredes do automóvel, tentando sustentar o cerco sempre mais apertado da escuridão. Os olhares dos três companheiros se buscavam e se cruzavam em busca da esperança que parecia ter ficado do lado de fora. Um facão e as facas da cozinha eram as únicas armas de defesa. Vez em quando, alguém arriscava um diálogo.

- A oração que o Beto propôs em nossa saída não adiantou de nada! – maldiz Cegonha.

- Não fale assim – repreende Lourival – Não adiantou pra ele, mas pode ser a oração que mantém a gente vivo até agora.

- É, pode ser. Pelo menos até o Sem Nome vir buscar outro de nós.

Como se combinado com o destino, grudadas nas últimas sílabas daquela frase, várias batidas acontecem na lateral da perua, assustando todos eles, fazendo pulsar mais forte ainda aqueles fatigados corações.

- É ele! O maluco!

- E agora nem precisa abrir a janela pra ver; os vidros quebraram quase tudo.

Zezé liga e aponta sua lanterna para fora.

- É ele mesmo, o Sem Nome!

A criatura, buscando transmitir humildade, fala com voz suave:

- Não é eu... É meu irmão...

- Como assim? Você não é você?

O homenzinho coça a lateral da cabeça, abaixando os olhos.

- Eu não é Sem Nome... É meu irmão.

O pescador se mostra ainda confuso.

- Pera aí. Então você é o irmão do Sem Nome?

- É eu... He, He, He!

Zezé esboça um sorriso.

- Tá querendo enganar a gente mais uma vez. O sorriso é igualzinho.

- Não é eu... É meu irmão... Ele é mau...

- Aí ó, a mesma conversa.

O homenzinho ergue os olhos, agora meio apavorado.

- Deixa entrar... Eles vai voltar... Vai matar nós!

- Dessa vez você não vai entrar, pode morrer aí fora.
- Não é eu... É meu irmão... He, He, He!
- O que ele quer dizer? – indaga Zezé.

Lourival responde:

- Falou que foi o irmão que entrou aqui, eu acho.
- É meu irmão... He, He, Heee!
- E essa pinta no pescoço? É a mesma coisa feia do outro!

- É... de cá... He, He, He!

- Ele tá dizendo que a pinta no pescoço do irmão é do lado direito. Vocês lembram disso?

Os companheiros abanam negativamente a cabeça, e Zezé se irrita com aquela conversa.

- Olha aqui, não importa se a pinta é de cá ou de lá, se você é você ou se é seu irmão. Vai embora daqui!

- É meu irmão... He, He, He!

- Você deixa a gente maluco, cara! – desabafa Zezé.

- He, He, Heee!

- Ele ainda ri.

- Deixa entrar... Eles mata...

- Não vai entrar. E o Cigano tinha razão: dá vontade de sair daqui e te dar uma surra!

Depois de uma pausa e um suspiro, Zezé diz:

- Fala aí o que você fez com meus amigos...

- É meu irmão... Ele é mau...

- Isso mesmo. O que o seu irmão mau fez com eles?

- Eles morreu... He, He, He!

- Não sei por que perguntei isso. Eu já sabia – passa a mão no rosto o cansado pescador.

- Surra não... Deixa entrar... Eles mata!

Depois dessa frase, a costumeira risada não apareceu, mas sim o início de um choro. Cegonha apenas ouviu assustado. Lourival foca a lanterna no indivíduo e pergunta:

- Essa é nova. Por que tá chorando agora?

Aquele desprezado ser se engasga com as palavras em sua resposta.

- Meu... cof!... irmão... Fez aquilo... Ele é mau...

- Fez o quê, Sem Nome?

- Cof! Não é eu...

- Ah, sim – conserta Lourival – O que fez o Sem Nome, irmão do Sem Nome? Acho que é isso...

Depois de mais uma tosse.

- Meu irmão... Levou o cipó.

- Cipó? Ele falou mesmo de um cipó. Que cipó é esse?

- Deixa entrar... Eles quase chegô...

- Zezé já falou que você não vai entrar. Fala aí desse cipó.

- Meu irmão... Puxou o cipó...

- E o que tem isso?

- Tá dentro... Eu fiquei preso.

- Dentro de onde?

- Muro alto... Meu irmão mau.

Lourival pensa um instante.

- Eu acho que entendi. Vocês saem do Sanatório por um cipó, e ele entrou e deixou você de fora. É isso.

A criatura sorri, demonstrando que foi entendida.

- He, He, He! Meu irmão, mau...

- É, ele é mau mesmo. E agora, o que você vai fazer?

- Deixa entrar... Eles volta...

Zezé retoma a conversa.

- Você é muito sabido! Se faz de vítima, mas não vai adiantar, coisa esquisita! A gente não vai cair dessa vez. Ninguém vai entrar aqui.

- Não vai... A surra... He, He, He!

- Não acredito! – diz Zezé – Ele tá me provocando pra eu dar a surra nele.

- He, He, Heee!

- Não saia daí, Zezé! – alerta Lourival.

- Não vou sair, pode ficar tranquilo, mas que dá vontade, dá.

Nesse instante, o homenzinho se apavora e volta a bater pesadamente na perua.

- Eles voltô... Deixa entrar... Acode!

De repente, a mata se agita mais uma vez e novas pedras são atiradas contra a lataria do automóvel, e várias delas passam pelas grades das janelas. Cegonha se abaixa e ajoelha no colchão.

- Acode... Eles mata!

- Não abre, Zezé!

- Nem pensar. Deixa esse maluco morrer!

A saraivada de pedras continua e o já conhecido macaco salta mais uma vez no capô do automóvel, pulando e soltando guinchos.

- Pena eu não ter mais a espingarda – lamenta Zezé.

A confusão dura por mais alguns instantes, depois se acalma repentinamente.

- Ainda bem que as janelas têm grades, senão a gente tava perdido!

Dentro da mata, agora em silêncio, pode-se ouvir um som conhecido, distanciando-se:

- He, He, He... He, He, Heee!

- É ele! Tá indo embora.

- Tá rindo, mas dessa vez seu plano falhou. Ninguém saiu da perua.

- Nem ele entrou!

E a noite seguiu, ainda teimosa, demonstrando a intenção de permanecer por aquelas paragens por mais algum tempo, se possível por mais uma ou, quem sabe, duas horas. A madrugada, única amiga dos três pescadores, se esforçava para vencer a escuridão e chegar a tempo de socorrê-los, levando o alento da claridade. Por sorte, nenhuma pedra havia atingido o lampião, e a luz do interior do carro mantinha acesa a esperança de vida. Outros longos minutos se passaram. O cansaço da viagem e da noite sem dormir foi tomando conta dos três sobreviventes. Mesmo sabendo que aquele terrível assédio continuava e que os inimigos voltariam a qualquer instante, Zezé curvou-se ao volante, Lourival sentou-se no acento antes ocupado por

Gilsão, e Cegonha escorou-se no colchão, encostado numa das laterais da perua. Como numa viagem, um pequeno instante de sono é o bastante para causar o desastre. Quando o clarão da madrugada anunciou a sua vinda sobre as copas distantes das árvores, um murmúrio acontece, assim meio indefinido, como num pesadelo que aparece e teima em não passar. Foi assim que se deu o inevitável! Somente quando a batida forte dos pés deixa de tocar o colchão e acerta a lateral da perua, Zezé e Lourival se aprumam, levando alguns segundos ainda para entender o que acontecia. A cena era trágica! Cegonha se debatia com o pescoço preso por um cipó, espremido nas grades de uma das janelas da perua. Duas mãos fortes seguravam e apertavam a força.

- Não! – grita Lourival – solta ele!

O rapaz se joga na grade em socorro do amigo, conseguindo afrouxar o cipó e retirar a vítima daquele sufoco. Já era tarde, no entanto. O pescoço vermelho, os lábios roxos e os olhos esbugalhados de Cegonha revelavam a triste notícia: ele estava morto! Zezé se aproxima, observando a cena e lamentando o ocorrido.

- Culpa nossa! A gente cochilou. Droga! Foi só um minuto.

- Mas foi o suficiente, meu amigo – emenda Lourival – Coitado do Cegonha! A morte atingiu exatamente o local do corpo que ele tanto defendia: o pescoço.

- É... – completa Zezé – Ainda bem que a munição da espingarda está com a gente, senão pelo menos mais um de nós tinha morrido.

Lourival estende o inerte amigo no colchão, fecha os seus olhos e se vira para o clarão da madrugada despontando lá fora.

- A oração também não adiantou para o Cegonha...

Finalmente o sol chegou e, com ele, parte do medo foi embora. Não sumiram, no entanto, as lembranças vivas daquela noite trágica, noite de sustos, suspense e violência em que quatro vidas se perderam para alimentar a sede de sangue que rodeava aquele maldito sanatório.

- Já tá claro; eu vou sair. Não aguento mais esta prisão – desabafa Zezé.

Lourival, usando um tecido qualquer, cobre o rosto do amigo inerte sobre o colchão e sai da perua, alcançando o outro sobrevivente que, depois de urinar no orvalho do capim rente à estrada, estava parado, olhando fixamente para a mata por onde seus três companheiros sumiram.

- A chuva passou mesmo, não é, Zézé? Quem sabe agora dá pra passar com a perua no lago...

- É, temos que ir embora o mais depressa possível, nem que seja a pé. Só que, antes, a gente tem que fazer uma coisa.

Lourival também se volta e olha fixamente para a mata à direita da estrada.

- Tem razão. Não podemos ir embora sem antes saber o que aconteceu com os três... O Gilsão a gente ouviu

o tiro, agora os outros, nem dá pra imaginar o que aconteceu.

- Devem ter morrido também, mesmo assim é preciso ir lá ver.

- Então vamos logo. Esse lugar dá medo até de dia.

- Vou pegar o facão na perua. Aquele maluco ainda pode estar por aí.

- E eu vou pegar uma faca da cozinha.

Os dois amigos juntaram a pouca coragem e saíram. Quando os passos ultrapassaram as primeiras folhagens da mata, um cortante arrepio percorreu as suas costas, avisando que o destino ainda reservava para eles muita surpresa; talvez o mais tétrico, o mais trágico estava reservado para aquele momento do café da manhã. O perigo verdadeiramente não havia passado. A proximidade daquelas muralhas do fatídico Sanatório, mesmo encobertas pela mata, prenunciavam uma constante ameaça. À frente, Zezé afastava os ramos molhados com a ponta do facão.

- Aqui tem um tipo de trilha – observou – Aquela coisa esquisita passa sempre por aqui.

Sem dúvida eles estavam invadindo o reduto do inimigo. Talvez fosse melhor dar meia-volta e se afastar dali enquanto era tempo; talvez o mais prudente fosse sair correndo e só parar quando o fôlego não mais existisse. Essa era a enorme vontade que corria em suas veias.

- Toma cuidado, Zezé.

Era um passo de cada vez, com a máxima atenção possível. Olhos arregalados, capazes de notar o movimento

de um inseto no capim ou de uma folha que caía, construindo o tapete sobre o caminho onde passavam. Na verdade, eles eram convidados de honra, dois sobreviventes que cumpriam a última missão lhes atribuída nesta existência; duas presas fáceis, incapazes de uma aproximação sem ruídos, já que o soar descompassado e escandaloso das batidas dos seus corações anunciavam à distância suas presenças. Poucos metros à frente, um cheiro forte e indefinido toma conta do ar. Zezé tapa o nariz com a camisa.

- Credo! Que catanga horrível!

Subitamente, feito investida de um touro, um galho de árvore se sacode, balançando toda a folhagem à frente, fazendo subir um redemoinho de folhas e susto e medo.

- Cuidado!

- O que é isso?

Tal como chegou, o alvoroço sumiu, ficando apenas o balanço de ajuste dos galhos e dois corpos imobilizados, de rostos pálidos e armas estendidas para frente. Era apenas uma ave de rapina que fugia dos invasores.

- Urubu, filho da puta! Matou a gente de susto!

A surpresa maior estava à frente. Mais dois passos e uma pequena clareira, ladeada pela muralha do Sanatório revelava a pior cena presenciada por eles. As três vítimas da noite anterior estavam penduradas de cabeça para baixo, presas nos galhos por amarras de cipós a um metro do solo, totalmente despidas e mutiladas. Algumas faltavam braços; outras, partes da coxa e do peito. As barrigas cortadas exibiam as tripas que se desprendiam do corpo e ainda

pingavam sangue no chão. Acentuando a surpresa, Cigano estava sem a cabeça.

- Meu Deus! Que loucura é essa?

- Não pode ser! Parece que aquele doido come carne de gente!

- Vamos embora daqui!

Sem perda de tempo, Lourival corre à frente, seguido imediatamente pelo companheiro. Eram poucos metros de distância até à perua, mas parecia uma eternidade. Quando estavam quase saindo, Lourival se detém ao ouvir um berro.

- Aaihh!

Por detrás do tronco de uma árvore, o psicopata havia saído e segurava o cabo da faca que pertencia ao Cigano. A lâmina estava toda enfiada na barriga de Zezé.

- Coisa esquisita! – pronuncia o monstro arrastando a lâmina até a altura do peito da vítima, deixando-a cair lentamente ao chão.

- Sem Nome! Não!!! – grita Lourival.

- É meu irmão... He, He, He!

O desesperado rapaz se lança novamente em direção à saída. Em poucos segundos desvencilha-se da mata e daquele terrível pesadelo. Alcançando o veículo, olha para trás, vê que o inimigo ainda não surgiu em sua perseguição e se debruça ofegante numa das janelas da perua.

- Que coisa horrível! Tenho que sair daqui!

Nesse instante, olha para o interior da perua e percebe uma providência divina para a sua salvação.

- A chave! Zezé deixou a chave na ignição.

Sem perder tempo, o rapaz dá a volta, entra e aciona o motor.

- Pegou! Graças a Deus!

Somente naquela hora, aparece o assassino com a faca em uma das mãos, mordendo um pedaço de carne retirada de sua última vítima.

- He, He, He... He, He, He!

Com os pneus jogando barro para o alto, o carro desliza velozmente e se lança em direção ao lago. No entanto, em instantes a carreira é interrompida.

- Nossa! O lago tá mais cheio, não dá pra passar.

Olhando para trás, o já transtornado Lourival vê a terrível criação do demônio andando lentamente em sua direção. A coisa não tem pressa, caminha compassadamente saboreando seu pedaço de carne fresca, com a faca suspensa na mão direita. Sabe que sua última vítima não tem saída. Ali é o seu domínio, conhece todas as trilhas, cada pedaço daquela mata, conhece a altura da água e todas as armadilhas do caminho. Não, a vítima não tem saída, está entregue em suas mãos, esperando apenas o golpe final. Era preciso aproveitar o momento, por isso admirava aquela cena de desespero, aquela inútil tentativa de fuga, e caminha com calma em direção à sua presa, lambendo o sangue da ponta da faca.

No automóvel, Lourival tenta controlar o seu desespero.

- Meu Deus, preciso pensar. Deve ter uma arma melhor aqui dentro do que essa faca.

Ele vai até o fundo da perua, remexe nas tralhas de pesca, mas nada encontra. Ao passar novamente por sobre o colchão estendido no assoalho, esbarra no tecido que cobria o rosto de Cegonha, deixando-o exposto ainda conservando a expressão de horror do instante de sua morte. Uma súbita ira irrompe de seu interior e um ímpeto de coragem e determinação cora o seu rosto de vermelho. Ele olha pelo para-brisa e nota a figura andando e sorrindo em sua direção.

- Desgraçado!

O rapaz salta novamente sobre o assento do automóvel e segura fortemente o volante, acelerando ao máximo o motor.

- Você vai pagar por tudo que fez, maldito!

O carro arranca, dá uma volta repentina e o sorriso satânico do psicopata vai modificando-se gradualmente, dando lugar a uma expressão de surpresa, de perigo, de embaraço, de apuro. Ele confiou demais em sua força e na fragilidade do oponente. Foi o seu único erro. O salto para o lado, mesmo com extrema agilidade, não foi o suficiente para evitar a colisão. Foi pego pelo para-choque da perua e jogado para o alto. O assassino bate fortemente a cabeça na ponta da canoa, desliza pelo capô e cai pesadamente à frente dos dois pneus. O rapaz ainda acelera atropelando o

corpo já imóvel. Em seguida, sai do carro e admira o cadáver desfigurado da abominável criatura.

- Sinto muito, Sem Nome. Você causou muita dor e tristeza por aqui.

Lourival parece perder as forças por instante, a cabeça gira, o estômago embrulha e ele se encosta na lateral do automóvel. O esforço e a tensão das últimas horas e uma noite inteira sem dormir exigiam um minuto de descanso. Agora não existia mais motivo de pressa. O inimigo estava morto a poucos passos de seus pés e a estrada se mostrava livre à sua frente para, finalmente, levá-lo para casa. De carro ou a pé, de dia ou de noite, ele alcançaria o povoado. Lá encontraria amigos para retornar ali e sepultar dignamente o que havia sobrado de seus amigos. Sim, ele merecia aquele instante de descanso; só um instante, uma pausa para pensar, entender e acreditar em toda aquela tragédia. Mais um minuto de olhos parados observando o vazio do verde daquelas matas e o espelho opaco das águas do lago. Em seguida Lourival se apruma, entra no veículo, liga o motor e olha no interior o rosto do companheiro Cegonha, agora mais calmo, sereno, como se soubesse do desfecho da história e da vingança realizada. O carro se volta mais uma vez em direção ao lago. Ele teria que tentar, lembrava mais ou menos a direção por onde Zezé havia passado. Sabia o que tinha que fazer; mesmo que a água cobrisse parte do automóvel, não deveria parar. Se tiver sorte, em poucas horas estará no povoado. Assim, ele toma certa distância para ganhar um pouco de velocidade e adentra o lago, jogando parte da água para os

lados. Quando estava quase rompendo o difícil percurso, a perua desliza os pneus e atola no barro submerso. Imediatamente o motor apaga, a água cobre a dianteira e vai entrando aos poucos no interior do veículo. O rapaz não se desespera; já estava previsto que não daria para passar. Aquele era um minúsculo problema comparado aos inúmeros que vivera nas últimas horas. Iria a pé para casa e talvez pudesse até encontrar uma carona pelo caminho, mesmo sabendo que os sitiantes da região e os habitantes do povoado evitavam aquele trajeto. Quando abriu a porta para sair, lembrou-se de olhar pela última vez no interior do carro em busca de algo útil para levar consigo. Passou novamente sobre o corpo de Cegonha já parcialmente encoberto pela água que entrava. Remexeu na tralha e avistou o lampião tombado sobre o saco de redes. Estava ainda intacto, apesar dos solavancos dos últimos minutos. Lembrou-se da recomendação irônica de Zezé para levar o utensílio ao pai se acaso ele não voltasse. Ergueu o lampião quase sem querosene, já que fora utilizado a noite inteira. Procurou o vidro do combustível e abasteceu o aparelho. Se a volta ao povoado demorasse até a noite cair, ele poderia ser útil. Lembrou ainda da faca de cozinha, e a colocou na cintura. Nem cogitou a ideia de tocar na faca do Cigano caída ao lado do corpo do assassino. Começou a caminhada de volta, um passo lento, mas constante, no ritmo que poderia usar durante todo o dia, talvez mais. Seria penosa aquela caminhada, mas manteria a respiração calma e o coração num ritmo cadenciado até o final. À sua direita, um pouco mais à frente, percebeu onde a

verdadeira estrada virava. Vários galhos secos cobriam a passagem, certamente obra do assassino para atrair as pessoas em direção das muralhas do Sanatório, à armadilha. Sua mente confusa não podia imaginar que o perigo ainda rondava por aquela parte esquecida do mundo. Do lado esquerdo da estrada, alguma coisa começou a sacolejar os galhos das árvores e a emitir guinchos. Lourival se assusta e retira a faca da cintura.

- Os macacos! Eu havia me esquecido deles.

Novamente o medo, emanado das muralhas do Sanatório, cobria aquele pedaço de céu e era visível na expressão do rosto e nos olhos de Lourival. Ele começou a correr; talvez não adiantasse, mas deveria tentar.

- Eles! Vai matar!

As palavras usadas pelo assassino ecoam na cabeça do assustado rapaz. A loucura de antes se repete; ele se achava livre daquele pesadelo, mas novamente se vê fugindo, perseguido por inimigos estranhos e perigosos. Não avistava os macacos, mas o barulho se intensificava e se aproximava cada vez mais. Ao chegar numa pequena curva da estrada, algo é atirado em sua frente, fazendo gelar o sangue de suas veias. A coisa rola e para com os olhos arregalados voltados para ele. Uma exclamação de espanto escapa de seus lábios.

- Cigano! A cabeça dele... Meu Deus!

O rapaz para a carreira e pensa em voltar, mas sabe que só à frente havia alguma possibilidade de salvação. Reúne, então, suas últimas forças, contorna a horrível cabeça e, com a faca à frente, empreende nova corrida. Em

instantes ouve o barulho na mata reiniciando a perseguição. No desespero da fuga, imaginava por que motivo ainda não havia sido atacado. Duas hipóteses surgiram no pensamento. Seus perseguidores estavam se divertindo, aumentando sua agonia ou algum ser superior o protegia. Foi nesse instante que se lembrou da oração proposta por Beto e realizada pelo grupo na saída da viagem no dia anterior. A referida oração até o momento não havia protegido nenhum deles, mas Lourival passou a recitar aquelas frases soltas enquanto corria. Havia embaralhado a sequência, mas repetia os trechos lembrados, com todas as forças dos pulmões, na frequência que o fôlego permitia. A perseguição seguiu por mais um trecho até chegar numa parte em que a estrada se estreitava e galhos de árvores pendiam dos dois lados quase se tocando no alto. Subitamente, desses galhos, um pesado corpo cai ao chão soltando guinchos, interrompendo a passagem. Lourival se detém diante daquela horrível criatura, outra aberração da natureza, mais uma criação do demônio.

- Meu Deus! O macaco de ontem à noite. É uma pessoa! Você é horrível!

Da mesma estatura que o primeiro assassino, tinha os olhos esbugalhados, cabeça, rosto e o corpo coberto de pelos, unhas compridas e dentes afiados. Descalço e com os joelhos parcialmente dobrados, parecia mesmo um símio. O fugitivo entendeu que não havia macacos; A coisa sozinha atirava as pedras, guinchava e balançava os galhos das árvores.

- Você também não tem nome? – pergunta o rapaz sabendo que não teria resposta.

Aquele ser quase humano ou, quem sabe, quase animal não gosta da indagação e, com um guincho horrível, se prepara para o ataque. Lourival repete uma última frase da oração e estende a faca à sua frente.

- Livrai-nos do mal...

E o mal, com incrível rapidez e destreza, salta sobre ele jogando os pés em seu peito, derrubando-o ao chão. A faca voa para longe. Em sua nova investida, a fera pula sobre a vítima, cravando as unhas em seu pescoço, sufocando-a contra o solo. O oponente tinha uma força imensa, e Lourival estava quase perdendo os sentidos quando sua mão toca no lampião, que havia rolado com ele ao chão no primeiro golpe que recebera. Numa última defesa, segura com força o aparelho e desfere um golpe na cabeça do inimigo. Ao quebrar, o lampião despeja todo o querosene no bicho peludo. O golpe não foi o suficiente para o rapaz se livrar da ameaça. Aquelas mãos fortes teimavam em apertar o seu pescoço, enquanto o querosene caía sobre ele, molhado sua camisa. Já faltando ar nos pulmões, lembra-se do isqueiro que carregava no bolso. Com dificuldade, retira-o e acende rente ao corpo do inimigo. O fogo demora um pouco para ganhar vida, mas logo alastra-se naqueles pelos compridos e embaraçados que cobriam a criatura. O bicho solta a presa e pula para o capim da beira da estrada, debatendo-se, tentando se livrar das labaredas. Lourival também sente o peito queimar, mas rola pela estrada, apagando o fogo que havia atingido sua

camisa. Voltando os olhos para a criatura, vê apenas uma bola de fogo lançar-se para o galho da árvore mais próxima numa desesperada tentativa de fuga. Foi em vão. Aquele corpo se debate por um instante sobre a árvore e, depois em um guincho final, se desprende e cai outra vez na estrada. Lourival aproxima-se, vendo o fogo terminar sua tarefa.

- Amém!

A oração finalmente havia servido. Lourival agradece, recolhe os restos do lampião e retoma a caminhada. Pescoço arranhado, calça suja e rasgada, camisa e peito queimados e a mente perturbada pelos assombros que havia passado. Depois de algumas horas de passos lentos e cambaleantes em direção ao povoado, foi alcançado por um velho e desavisado caminhão que transportava vários peões de uma fazenda próxima. O automóvel para, ele sobe com dificuldade na carroceria, senta-se encostado na lateral de madeira e coloca o lampião quebrado no colo. Os peões estavam perplexos com a situação deprimente em que o caminhante se encontrava. Um deles se aproxima e arrisca uma pergunta:

- De onde ocê vem, moço?

Lourival ergue o rosto abatido, os olhos cansados e responde:

- Do Sanatório...